

Língua e Literatura, (16), 1987/1988, pp. 71 76.

*DRUMMOND ENTRE NÓS**

Olga Savary

“Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?”

Marleine Paula: Você é uma das pessoas privilegiadas que conheceu e conviveu com o poeta Drummond. Normalmente, as pessoas ficam curiosas em saber sobre o que dois escritores conversam, se têm os mesmos problemas dos homens e mulheres comuns. Fale-nos sobre isso.

Olga Savary: Sou amiga do poeta há 30 anos ou mais, desde que um dia me aproximei dele no Patrimônio Histórico do MEC, com um caderno de poemas manuscritos e alguns já publicados debaixo do braço. Nasceu daí uma amizade, quase amor, uma cumplicidade. Conversávamos sempre pelo telefone, horas a fio, falando sobre mil coisas: sobre a vida, sobre a morte, sobre poesia, sobre nossos trabalhos, sobre coisas pessoais de am-

(*) Entrevista a Marleine Paula Marcondes e Terreira de Toledo.

bos, sobre tudo. Também nos víamos nos “Sabadoyles”, as famosas reuniões literárias, em casa de Plínio Doyle, todos os sábados (era amigo de Drummond de muitos anos, seu antigo advogado para assuntos de direitos autorais). Essas reuniões se realizam há 22 anos nessa “academia sem fardão”, como dizem os escritores, em clima ameno e inteligente, engraçado e intelectual.

Marleine Paula: Aliás, são conhecidas as fotos de Drummond nessas reuniões com os amigos, sempre com seu sorriso tímido e seus olhinhos escondidos atrás dos óculos. O temperamento dele correspondia a essa imagem sóbria e sisuda que passava?

Olga Savary: Muito ao contrário. Ele falava pelos cotovelos, especialmente com os seus amigos, “abrindo a torneirinha”, no dizer carinhoso de sua mulher Dolores, sua companheira por 62 anos. É certo que ele era dono de uma veia irônica e de uma inclinação solitária ao desencanto. Disse uma vez ter aversão a locais públicos e, você sabe, nos últimos anos sua vida tornou-se retraída, com ele saindo pouco, uma volta pela rua, um passeio que outro pela praia para ver o *marão besta*, esse velho encantamento de mineiro, o eterno deslumbrar para quem não tem as grandes águas em seu lugar de nascimento. Carlos, ele queria ser tratado assim pelos amigos, era um inquieto tranqüilo.

Marleine Paula: Olga, a conformação frágil escondia um espírito forte, uma pessoa vaidosa?

Olga Savary: Frágil por fora, bicho de concha, *caramujo*, como digo em um poema onde falo dele. Mas também um forte, sim, um homem que sabia o que queria, um poeta senhor do seu ofício, a direcioná-lo para onde bem entendia, rédeas na mão. Vaidoso? E por que não? Com seu jeito tímido, ele bem sabia de seu valor, a noção exata de que seu texto ia ficar, permanecer, como em vida. Sempre dizia que o “tempo era que ia dizer”, às vezes com algum desalento, natural em quem escreve, porque é um ofício nada fácil, pra não dizer quase impossível, num país como o Brasil, onde cultura é quase palavrão, o cocô do cocô do cavalo do bandido (para o Sistema, é claro, porque é a cultura e principalmente a literatura que farão um país forte e com uma verdadeira expressão como nação). Um poeta que chega aonde Drummond chegou tem mais é de ser vaidoso. Ou melhor, não vaidoso, mas orgulhoso do que fez, do que sabe. Custa tanto chegar até aí. Tudo é contra, é um nadar contra corrente. Daí é preciso que, com certa dose de humildade, se seja orgulhoso do que se conseguir,

dando tanto murro em ponta de faca pela vida afora. Portanto aquela *modéstia* era um pouco jogo, “persona”, algo por aí. Porque ele sabia muito bem o que valia.

Marleine Paula: E Drummond em família?

Olga Savary: Quando ele não ia ao “Sabadoyle”, de que já falei, ficava em casa, com Dolores, mineira como ele, de Mar de Espanha, Minas Gerais, e a filha Maria Julieta, escritora também, que estreou aos 17 anos com a novela *A Busca*. Casando-se a filha e mudando-se para Buenos Aires, onde viveu vários anos, perdeu ele sua cúmplice, tendo-a apenas por carta ou quando ela vinha de visita ou férias. Foi uma alegria quando Maria Julieta veio definitivamente de volta ao Brasil, para o Rio. A longa doença e posterior morte da filha (a 05 de agosto de 1987) prostrou-o demais, perdendo a vida o sentido. Teria dito então que esperava ter ido na frente e que ela é quem deveria fechar-lhe os olhos (ele partiu 12 dias após Julieta). Em alguns poemas, Drummond fala de sua família antiga – pai, mãe, irmãos, etc. – e da família formada por mulher, filha e netos, filhos de Maria Julieta. Presente explicitamente em alguns, sub-repticiamente em outros. Mas sempre lá, em sua obra.

Marleine Paula: Por que não teria voltado a Itabira?

Olga Savary: Cada um tem sua maneira de encarar as origens. Para ele, acho, era melhor um *retrato na parede* do que ver uma Itabira não mais aquela da infância, toda devastada pela Companhia Vale do Rio Doce, que desbastou o Pico do Cauê e mamou quanto pôde o ferro da cidade. Também a casa grande da Fazenda do Pontal, a casa da infância, bateu asas e voou, para dar lugar a uma represa. Mortos os pais, mortos os irmãos, perdida a casa da fazenda, perdidos os pontos de referência da lírica infância, pra que voltar, se doeria? Preferiu guardá-la onde melhor lhe convinha: na memória.

Marleine Paula: Olga, em contato sempre com Drummond, que amava o belo e cantava o amor, você, como a mulher bonita e inteligente que sempre foi, poderia dizer se inspirou o poeta em algum poema?

Olga Savary: Não falo por Carlos, falo por mim. Acredito ter sido ele o meu melhor amigo e uma das pessoas mais importantes em minha vida. A ele dediquei, em 79, um livro inteiro, *Altaonda*, uma homenagem a partir do título, que é seu sobrenome, pois em celta *Drum* significa alta e *ond* é onda. Lá, no poema que dá título ao livro, há este verso que para mim o define bem: o rigor da ordem sob o ardor da chama.

Marleine Paula: Fale mais dele.

Olga Savary: Drummond, o que dizer dele, do poeta que sempre afirmou: “Não me perguntem nada; está tudo dito lá, nos poemas que escrevi, nos meus livros”? Que é o poeta do sentimento do mundo, das grandes perguntas que assolam a humanidade, dos grandes questionamentos a afligir o ser humano? Que dizer deste “fazendeiro do ar”, como se autodenominou no título de um de seus livros? De quem chama “Orion” (nome de um poema) a amada inatingível, forma perfeita de denominar a inatingibilidade do amor, embora o amor sempre lhe tenha faiscado na medula, abrindo na *escuridão sua quermesse*, amor onde ele canta as mulheres, esse amor todo fome *mas que repele a gula*? Quase nada posso acrescentar para definir aquele que diz do amor: “Sua escama de fel nunca se anula/ e seu rangido nada tem de prece./ Uma aranha invisível é que o tece./ O meu amor, paralisado, pula./ Pulula, ulula. Salve, lobo triste!/ Quando eu secar, ele estará vivendo, já não vive de mim, nele é que existe/ o que sou, o que sobro, esmigalhado./ O meu amor é tudo que, morrendo,/ não morre todo, e fica no ar, parado.”

Marleine Paula: A par desse ângulo platônico de amor, objetivo sempre a ser alcançado, mostre-nos outra dimensão, mais humana de amor, para Drummond.

Olga Savary: Veja, para Drummond, o amor não é só esse desejo abstrato, mas também é “este cavalo solto pela cama,/ a passar o peito de quem ama.” Amor é também a transgressão, como em *O padre, a moça*, “aquele negro amor de rendas brancas” E ninguém melhor do que ele captou, qual um “laser”, a crueldade da relação amorosa quando diz que “amantes se amam cruelmente e que de tanto se amarem não se vêem.” E por não se verem, *um se beija no outro refletido*. E o “que era amor e, dor agora, é vício” que não consola “nunca de núncaras”

Marleine Paula: Poder-se-ia dizer que Drummond abordou o amor em todas as suas fases: da paixão ao desencanto, do inatingível ao erótico?

Olga Savary: Sim. Até com referência a este último, ele só deixou publicar uma edição reduzidíssima de apenas 3 exemplares, homenagem de José Mindlin ao Poeta, em edição de Gastão de Holanda e Cecília Jucá. Drummond teve, segundo ele mesmo disse, uma mocidade reprimida. A liberalidade que experimentamos hoje não era comum para o nosso ilustre itabirano, que era do tempo em que “os rapazes iam ao terminal dos bondes para espiar as pernas das mulheres que subiam nos carros de vestidos

longos” Em seus poemas considerados “eróticos”, ele canta o “amor natural no conjunto de ações, sentimentos e emoções que fazem parte da relação de dois seres”

Marleine Paula: Carlos Drummond de Andrade completara 85 anos. Você acredita que sua poesia de alguma forma se desgastou com o tempo ou foi superada?

Olga Savary: Ele tinha um ritmo de trabalho que só arrefeceu ultimamente havendo, inclusive, mais três livros seus a serem lançados, além dos quase quarenta. Por muitos considerado o maior poeta da língua – acima de Fernando Pessoa e Camões, sem exagero – é, a meu ver, Drummond quem apresenta, em poesia, o leque mais aberto, amplo e diversificado. É o poeta que canta o sofrimento social de seu povo iludido, enganado e vilipendiado e, como diz Antonio Candido, “cria uma linguagem poética inconfundível e quase inimitável, seca, precisa, direta, que não disfarça o objeto ou a coisa. E ao lado das formas livres, enriquece as formas tradicionais.”

Sobre o que você perguntou, se ela foi superada, eu diria que foi superando a si própria no tempo, como mostra Gilberto Mendonça Teles, em seu artigo de 29/08/87, para o suplemento “Cultura” do Jornal *O Estado de São Paulo*, quando indica as quatro fases de transformação de Drummond:

- 1918 a 1934 – Período de FORMAÇÃO – quando ele fala no poeta, no poema, na poesia e também na aventura modernista;
- 1940 a 1945 – Período de CON-FORMAÇÃO – criação de uma linguagem que supera a modernista e vai se tornando particular e característica;
- 1951 a 1962 – Período de TRANSFORMAÇÃO – “a sua poesia passa a especular a essência da linguagem”;
- Após 1962 – Período de CONFIRMAÇÃO – quando o poeta trata com relevância dos temas de sua infância e do passado.

Marleine Paula: Frente a tamanha abrangência de obra – elaboração formal e riqueza temática –, e embora o merecesse, ele, pessoalmente, teria pensado em receber o Prêmio Nobel?

Olga Savary: Para quem fez durante praticamente 57 anos aquele tipo de poesia, contos, crônicas, etc., aquele tipo de texto formidável, tão nítido e humano, se se preocupava em permanecer, permanece mesmo. Não necessariamente em um Prêmio Nobel, porque isso tem também implicações políticas, não só literárias, todos nós sabemos. E Drummond não era indivíduo de ir à caça. Umás duas vezes, quando lhe perguntei sobre isso e até afirmei que ele mais que nenhum outro brasileiro deveria levar o Nobel, disse-me que isso era para quem ia à luta, para quem corria atrás, para quem tinha apadrinhamentos que ele não tinha. Citou até nomes com ironia. Ele, não. Mas se o convidassem, se viessem a ele, acredito que não recusaria. Além do que, seria em prol de um reconhecimento mundial mais efetivo, fora a importância em dinheiro, nada desprezível. Recusar o prêmio nacional que tentaram lhe dar por conjunto de obra anos atrás, e que ele recusou, ele o fez por ideologia, por não concordar com o que ocorria no País, durante negros vinte anos, por vir de um governo com o qual ele não compactuava, mas também porque, como me disse então, “que vou fazer com um prêmio que não dá pra comprar nem uma motocicleta?” Brincando, brincando, é por aí mesmo. Há condições de se dar ao escritor prêmios mais significativos, mas o que existe é só paternalismo, esmola pouca. E a dignidade orgulhosa recusava.

Marleine Paula: Olga, para dar um fecho a esta entrevista que nos trouxe de volta tanto de Carlos Drummond de Andrade, você, como poetisa, e tendo dentro de si esse dom indestrutível da palavra, acha que um poeta morre?

Olga Savary: Um poeta é eterno, porque eternas são as palavras e os pensamentos. Carlos mesmo disse: “Mas eu não quero ser senão eterno./ Que os séculos apodreçam e não reste mais do que uma essência/ ou nem isso./ E que eu desapareça mas fique este chão varrido onde pousou uma sombra/ e que não fique o chão nem fique a sombra/ mas que a precisão urgente de ser eterno bóie como uma esponja no caos e entre oceanos de nada/ gere um ritmo.” É nesse ritmo imponderável pelo sortilégio da poesia que Drummond fica, agora que se vai. Eterno. Porque se há alguma coisa eterna, para alguém como ele, que era um cético, essa coisa é a poesia...